

Benjamim F. Gutiérrez e Leonildo Campos (editores), *Na Força do Espírito - Os Pentecostais na América Latina: Um Desafio às Igrejas* (São Paulo: AEPRAL - Pendão Real - Ciências da Religião, 1996) 290 pp.

Esta obra reúne artigos de 19 autores e, levando-se em conta as referências que faz e os autores, representa dez países da América Latina. Apenas com relação a dois articulistas não há referência se são evangélicos. A maioria dos autores é de origem presbiteriana e outros são das mais diversas igrejas pentecostais existentes em nosso continente.

O tema dominante na obra é o crescimento do pentecostalismo moderno, sua enorme criatividade em adaptar-se às mais variadas condições e culturas e seu impacto sobre a sociedade de forma geral, mas principalmente sobre as igrejas históricas, a política e a mulher. Este assunto é extremamente importante para nossa reflexão. Nem sempre ele tem sido estudado com o cuidado e a isenção de ânimos necessários para uma avaliação criteriosa. Embora uns poucos de nós conheçamos a história da origem das igrejas pentecostais, pouco sabemos delas em nosso continente, em virtude de o Brasil ser uma ilha cercada por uma cultura hispânica, diferenciada principalmente pela língua.

O objetivo explicitado pelos editores é que os artigos possibilitem às igrejas históricas aprenderem com os pentecostais e, também, contribuírem com estas ou, citado literalmente, "trocar idéias e manter o diálogo" (p. 18).

Conforme os próprios editores afirmam, a metodologia seguida foi a da análise histórica, sociológica, teológica e pastoral da presença pentecostal na América Latina, usando, na maioria das vezes, relatos ou observações pessoais analisados de acordo com teorias da sociologia da religião.

A introdução é escrita por um dos editores. Ele discute o fato que o pentecostalismo é considerado uma ameaça à Igreja Católica Apostólica Romana e à Teologia da Libertação, bem como um desafio às igrejas protestantes históricas; resume a história das igrejas pentecostais em quatro fases, e cita alguns aspectos que podem explicar seu crescimento.

O livro, além da introdução, é dividido em quatro partes:

A primeira parte fala um pouco da história dos pentecostais, bem como de sua teologia e ética. No segundo capítulo temos um resumo da história do pentecostalismo moderno desde os Estados Unidos, dividindo sua história na América Latina e classificando-o em quatro fases. É afirmado que a grande chave para se entender o pentecostalismo é a sua liturgia alegre e participativa e o seu ardor evangelístico, este último realizado, muitas vezes, junto com a ação social. No capítulo terceiro o autor afirma que o pentecostalismo é um movimento de espiritualidade, ou seja, não é simplesmente explicável pelo aspecto social-religioso ou político-religioso; um movimento de protesto, radicalizando as posições wesleyanas e, conseqüentemente, considerando o mundo mau e eliminando a filantropia; um movimento popular; e, finalmente, um movimento de mudança social, não em termos econômicos, mas sim como "canalizador de...sonhos, esperanças e utopias..." (p. 60). O capítulo quarto fala sobre a teologia do pentecostalismo chileno, destacando as diferenças entre a doutrina das igrejas históricas e a pentecostal, com ênfase em cinco pontos: conversão, santificação, batismo no Espírito Santo, cura e segunda vinda de Cristo. O autor defende a validade da experiência como fonte da teologia juntamente com a

revelação, e avalia a teologia pentecostal chilena, ou a falta dela.

A segunda parte da obra é uma comparação entre protestantes históricos e pentecostais em algumas áreas. O capítulo cinco fala sobre a história do pentecostalismo até chegar ao Brasil, dando destaque às cinco maiores denominações nacionais. Na análise desse desenvolvimento e de sua fragmentação, o autor frisa que a miséria e a desestruturação favorecem os dois. Então destaca algumas mudanças no campo religioso brasileiro que tem facilitado a penetração pentecostal aqui, e também as transformações do próprio pentecostalismo para tornar-se mais compatível com nossa cultura e os tempos modernos. O capítulo sexto trata da causa e dos efeitos do crescimento das igrejas protestantes em Cuba e a influência do movimento pentecostal. Aqui o autor mostra um pouco da história das igrejas históricas e pentecostais naquele país, ligando-a com as mudanças econômicas, sociais, políticas e religiosas, e mostrando como as crises têm levado as pessoas às igrejas e como cada um dos ramos protestantes tem realizado seu trabalho.

A terceira parte do livro mostra como é a participação política de evangélicos e pentecostais no México, a maneira diferente destes lidarem com a pobreza no Brasil e a situação da mulher no pentecostalismo. O capítulo sete mostra que a participação política dos evangélicos no México é pequena, quase nula, principalmente por parte dos que não são perseguidos; uma das razões para isto são os preceitos constitucionais que restringiam a participação evangélica e que foram aos poucos sendo mudados. O capítulo oito, sobre o Brasil, cuja autora não sabemos se é evangélica, mostra os elementos que atraem os pobres para as igrejas pentecostais, defendendo-as de muitas críticas que lhes são feitas. No capítulo nove, o papel das mulheres nas igrejas pentecostais é visto como muito parecido com o que elas exercem nas igrejas tradicionais, mas com fortes indicações de mudança e abertura. O capítulo dez, sobre o Equador, mostra que nas igrejas pentecostais de lá as mulheres exercem funções como professoras, diaconisas, evangelistas, intercessoras, contribuintes financeiras, líderes da música, etc, mas que ainda precisa haver crescimento nessa área.

Na quarta parte do livro há cinco artigos sobre os desafios e possibilidades que o movimento pentecostal apresenta aos católicos, aos protestantes e ao ecumenismo. No décimo primeiro capítulo o autor analisa o fato de as igrejas pentecostais estarem crescendo muito e se identificando cada vez mais com a cultura latina, de tal forma que ameaça a hegemonia católica no continente, e indica as respostas dadas por esta igreja, bem como os caminhos que ela terá que tomar, para enfrentar este desafio. O décimo segundo capítulo fala sobre a aproximação entre as igrejas pentecostais e as históricas através de vários encontros ecumênicos somente entre pentecostais, ou em órgãos como o CLAI, CEPLA e CMI. O capítulo treze mostra como a Igreja Presbiteriana Independente tem assumido postura mais conciliadora com relação aos movimentos pentecostais dentro dela, estando aberta à análise e diálogo. O capítulo quatorze analisa o futuro das igrejas históricas no Brasil, mostrando a inserção do movimento pentecostal, não só no país, como até mesmo nessas igrejas, e qual tem sido o crescimento e influência dos dois ramos na sociedade e cultura. O autor também levanta uma tese interessante, que é o declínio da lealdade às instituições e a derrubada das fronteiras entre as denominações e termina mostrando duas tendências quase que complementares: a pentecostalização das igrejas históricas e a historização das igrejas pentecostais. O último capítulo do livro, o décimo quinto, relata fatos da vida de pessoas em toda a América Latina que são desafios pastorais para as igrejas e, depois de citar alguns problemas enfrentados por elas, faz algumas considerações para reflexão.

A obra tem os seguintes pontos positivos, no meu entendimento: a) fala de assunto relativamente desconhecido para o estudante comum no Brasil e desta forma acrescenta dados e informações valiosas; b) indica algumas pistas interessantes sobre a adaptação do pentecostalismo à cultura das sociedades nas quais ele é inserido, desafiando-nos a repensar estratégias e métodos que temos usado; c) faz uma análise de como os pentecostais têm obtido muito maior penetração entre os pobres do que a própria Igreja Católica, que fez uma opção preferencial pelos pobres; d) Paul Freston fala em tese daquilo que temos visto na prática, e que deve nos preocupar, a ponto de buscarmos soluções inteligentes e rápidas: a ausência de lealdade às instituições e a derrubada de fronteiras denominacionais.

Particularmente, o capítulo que mais apreciei foi o oitavo, sobre o pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil, no qual a autora mostra que a conversão a uma igreja pentecostal, e a prática dos seus ensinamentos, supre várias carências sociais e psicológicas da pessoa, diferenciando-a da multidão e mudando sua cosmovisão.

Os pontos fracos do livro, na minha perspectiva, são os seguintes: a) em virtude da vastidão do assunto, a profundidade de cada um dos aspectos tratados é pequena, sendo os capítulos, em alguns casos, inclusive, resumo de artigos maiores ou mesmo de livros dos autores; b) devido ao grande número de autores a unidade ficou prejudicada, até em termos de quadro de referência ou posição pessoal deles, pois embora a metodologia tenha ficado clara como sendo uma análise de acordo com a sociologia da região, mesmo aqui há várias escolas e diversidade de pensamento; c) ainda ligado ao ponto anterior me preocupa uma obra, mesmo histórica, que se prenda somente aos fatos ou às experiências, sem considerá-los sob o prisma da verdade ou da doutrina bíblica, pois, em alguns casos, tenho dúvidas se algumas denominações estudadas podem ser chamadas de evangélicas ou se representam heresias; d) não posso aceitar ainda, o pragmatismo que aparece em alguns capítulos e parágrafos. Nem tudo que está dando certo e produzindo resultados é o melhor e deve ser copiado. Embora concorde que temos que aprender com nossos irmãos pentecostais, o caminho não é copiar o que deu certo e sim analisar cada prática e metodologia dos pentecostais, e nossas, pela Palavra de Deus e a doutrina reformada, e viver de maneira coerente com o que cremos.

Particularmente, o capítulo que menos apreciei foi o décimo primeiro, que fala sobre a Igreja Católica e o desafio pentecostal, porque mesmo com toda a ameaça que este representa para aquela, não creio de forma alguma em mudanças teológicas e estruturais no catolicismo, como às vezes sinto que o autor crê. Uma ameaça muito maior para o catolicismo foi a Reforma Protestante e a resposta dada pelo Concílio de Trento à Reforma não foi de mudanças e sim de reafirmação de antigas crenças, a Contra-Reforma e a Inquisição.

Com estas considerações em mente, recomendo a leitura da obra que veio enriquecer o estudo da história das igrejas na América Latina e nos fazer refletir sobre um fenômeno novo e extraordinário.

— *George Alberto Canêlhas*